



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12993 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**AR-RISCAÇÕES POÉTICO-CURRICULARES COM OS COTIDIANOS ESCOLARES**

Marina de Oliveira Delmondes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Tamili Mardegan da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

## **AR-RISCAÇÕES POÉTICO-CURRICULARES COM OS COTIDIANOS ESCOLARES**

**RESUMO:** O presente trabalho é um recorte dos estudos realizados no Curso de Doutorado em Educação cujo objetivo foi problematizar as práticas-políticas curriculares *ar-riscadas com* os cotidianos escolares. Ao deparar com a imprevisibilidade do contexto pandêmico em 2020 e 2021, esse estudo apostou pensar em outros modos de curricular como força poético-literária para afirmar uma vida bonita tecida *com* os praticantes (CERTEAU, 2014) das escolas públicas. Para a quadragésima primeira Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) propõe-se um diálogo orientado pela perspectiva teórico-conceitual dos estudos da filosofia da diferença, amparando-se em Deleuze e Guattari. Como aporte metodológico, assume-se a pesquisa *com* os cotidianos a partir de Nilda Alves e outros teóricos que contribuem para endossar a relevância ética, estética e política dos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares. Assim, apresenta-se *ar-riscações* curriculares que insurgiram *com* as escolas como movimentos de escapes possíveis às arrematadas prescritivas. A intenção, portanto, é narrar as múltiplas poéticas curriculares que pode ter garantido, em um tempo de pandemia e desgoverno (2019-2022), o direito à respiração (MBEMBE, 2020).

**Palavras-Chave:** Pesquisa *com* os cotidianos; currículos; filosofia da diferença; poéticas.

**Poéticas iniciais**

Esse trabalho é um recorte da pesquisa de doutoramento realizado entre 2019 e 2022 cujo objetivo foi o de problematizar as práticas-políticas curriculares *ar-riscadas com* os cotidianos escolares. Ao deparar com a imprevisibilidade do contexto pandêmico e imersa em uma política des-governamental, pensar em outros modos de curricular foi necessário para que uma pesquisa em educação pudesse insurgir como um movimento de respiração (MBEMBE, 2020).

Aposta-se na perspectiva teórico-conceitual dos estudos da filosofia da diferença, amparando-se em Deleuze e Guattari e no aporte metodológico da pesquisa *com* os cotidianos. Nesse texto, apresenta-se a potência da escrita como movimento curricular, poético e político quando uma vida pedia por outros apetites vitais, também, *com* as escolas. Assim, entende-se,

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível (DELEUZE, 2011, p. 11).

Uma escrita inacabada foi des-alinhando um processo em curso, qual seja a tessitura de uma pesquisa que culminaria em uma tese. Enquanto uma experimentação estava sendo constituída, o pensamento era violentado para inventar poéticas afetas ao campo dos currículos. Pensar para Deleuze e Guattari (2010, p. 52-53) é uma violência e “[...] suscita a indiferença geral. E, todavia, não é falso dizer que é um exercício perigoso”.

Intenta-se, portanto, examinar a potência das linhas inventivas e os efeitos possíveis que uma prática curricular estética pode, ou não, serem produzidas como ato político-vital. Assim, escreve-se esse texto com traços de uma pesquisa que *ar-riscou* ser *escrevinhadeira*.

### **A potência das ar-riscações curriculares como força poética**

Nas gotas do sangue que tiraram do nosso corpo

havia um vírus e ele se chamava poesia.

Escrever com as próprias vísceras

e floreAR em nós uma vida.

Que vida?

Qual vida?

Eis, uma questão? (NÓS-EM-NÓS, 2021).

Ao fazer uma pesquisa-experimentação cujo objeto de estudo foi as práticas-políticas curriculares em intercessão com a perspectiva teórico-conceitual da filosofia da diferença e a metodologia da pesquisa *com* os cotidianos, se entende que o marco diferencial do estudo foi pensar em outros modos de curricular.

Curricular é, portanto, assumido como verbo, como uma ação que atravessa os diferentes espaços-tempos das escolas e pode, ou não, reverberar em uma potência dos afetos quando, em um tempo nefasto de pandemia e desgoverno, uma vida foi possível por meio de práticas-políticas-estéticas curriculares.

De antemão, as escritas contidas no presente texto referenciadas como NÓS-EM-NÓS, trata-se das criações coletivas produzidas por um grupo de trinta e cinco profissionais da Educação que participaram da pesquisa.

Em um tempo de isolamento social, a pesquisa *com* os cotidianos encontrou nos recursos tecnológicos uma via de aproximação e prática dos currículos. Por meio da plataforma Google Meet, no ano de 2021, foi promovido uma rede-roda de encontros-experimentações para inventar outros possíveis *com* as escolas.

Em um total de quinze encontros virtuais, os praticantes (CERTEAU, 2014) das escolas públicas, ar-riscaram escrevinhações curriculantes cujas temáticas abordaram sobre a pandemia, a necropolítica, a inclusão, os processos avaliativos, dentre outros temas que surgiram no decorrer da pesquisa.

Ao permitir sentir o que as experimentações de cada encontro suscitavam para a produção do estudo sobre currículos, apostamos na cartografia como um método. Nesse sentido, pesquisar também pode ser pensado como ação de acompanhar um processo, e não representar um objeto. Kastrup (2015, p. 32) afirma:

Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo coletivizar a experiência do cartógrafo.

Quando tu for-mar

Apressa-te em ser curso

Fluxo

Lar

Quando tu formares

Acrescenta-te

Vias

Acessos

Possíveis

Onde a vida exigir um outro modo de

Curricular (NÓS-EM-NÓS, 2021)

Problematiza-se os currículos em uma perspectiva maior-menor, ou seja, tanto o currículo maior, entendido como as prescrições e documentos normativos que orientam as práticas-políticas curriculares, como o currículo menor, que aposta na política dos fluxos, das conexões, dos saberes-fazer-invenções dos praticantes das escolas, coabitam um mesmo território.

Ao apostar em currículos escrevinhadeiros trata-se de pensar que é *com* os cotidianos escolares que currículos são inventados e, portanto, podem, ou não, serem afetos a uma vida bonita. Nessa perspectiva, “Escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é procurar uma saída, encontrar novas possibilidades, novas potências de vida” (MACHADO, 2010, p. 221). Escrever adquire uma postura prudente (DELEUZE; GUATARRI, 2012) na tessitura de outros fazeres-saberes que pode permitir que as práticas escolares não sejam arremetidas em prescrições e normativas. A prudência da escrita curricular adquire, por conseguinte, uma dimensão poética. Uma vida se torna, por si só, poesia. Entendemos com Lawrence (2016, p. 3):

Poesia é uma questão de palavras. Poesia é também o afinar de palavras dentro de um murmúrio, de uma melodia, ou de rastro de cores. Poesia é a sugestão prismática de uma ideia. Poesia é tudo isso e ainda alguma coisa a mais. Dados todos estes ingredientes, você obtém alguma coisa bem parecida com poesia, algo de que poderão dizer ‘Oh! Isso é muito patético’. E ‘o que é muito poético’, como um brique, estará na moda. Mas a poesia ainda é outra coisa.

Permitir pensar as ar-riscações curriculares como poesia afeta a uma vida (DELEUZE, 2002) é entender que cotidianamente as escolas são atravessadas por um emaranhado de acontecimentos, dos quais, durante os anos de 2020 e 2021, destaca-se a pandemia e o

desgoverno na esfera federal.

No que tange a pandemia, a pesquisa aponta desafios e possibilidades enfrentadas pela educação. “Foi muito difícil no início. Tivemos que reinventar para atender às necessidades dos nossos alunos. Mas, graças a Deus, nós estamos conseguindo” (NÓS-EM-NÓS, 2021). Os desafios dizem muito das questões sociais vividas por muitos estudantes no país, da desigualdade acirrada, principalmente com um desgoverno que priorizou uma classe social e se esquivou de garantir os direitos sociais de uma grande maioria.

Outro desafio posto estava afeto às práticas curriculantes atreladas a uma educação régia que, por exemplo, buscou quantificar o número de alunos que estavam devolvendo as atividades remotas como forma de estabelecer o número de evasão e presença escolar. Contudo, sabemos que a dimensão maior-menor coexiste em um mesmo território.

Das possibilidades educacionais em tempo pandêmico, destaca-se uma educação menor que se aventurou nas invenções tecnológicas, vídeo aula, podcast, live e aulas remotas e, também, em uma pesquisa-experimentação contagiada por um apetite vital aliado a uma poética.

Re-torno

da vida paralisada por um vírus invisível

da agitação virtual promovido pelos enlaces tecnológicos

do distanciamento tão presente dos corpos

de uma vida que se fez tela-quente dos encontros [...] (NÓS-EM-NÓS, 2021).

As poéticas produzidas nas formações curriculantes apontaram questões análogas às prescrições curriculares, talvez, apresentadas com outro tom, cor, som, rima, estética, pois se tratou dos cotidianos escolares, daquilo que se passa *com* os praticantes das escolas. Diante do exposto, ressalta-se que a nossa aposta é nos efeitos que uma poética pode suscitar quando é inventada *com* os cotidianos escolares e nas outras possibilidades vitais que podem ser criadas quando o ato de curricular estabelece uma aliança menor com uma educação que também se deseja menor.

### **Por uma poética da inconclusão**

Ao considerar a escrita como um gesto potente do corpo-professor de fazer vazar um

esgotamento do corpo em um tempo pandêmico e de necropoder, entende-se as escrevinhações como um modo de respirar em meio ao intolerável. Cada encontro da formação curricular foi um espaço-tempo onde cada corpo podia falar. Falas que traziam o tom do medo, pois estávamos em um período crítico da pandemia e vozes denunciantes, que não compactuavam com discursos governamentais que atacavam a ciência, a educação e implementava um modo de necropolítica (MBEMBE, 2020).

Entretanto, brincar com a arte da escrita durante a formação curricular fez com que um gesto miudinho da potência das escolas públicas fosse experimentado por meio de uma arte escrevinhadeira vital. Nesse sentido, por uma poética da inconclusão:

Por um currículo amazônico,

que possa afetar os corpos,

cá do litoral ar-riscamos algumas linhas escrevinhadeiras.

Por um currículo-pororoca,

provocando encontros entre as ondas de um rio-escola e uma maré-educação,

poéticas das práticas-políticas experimentadas *com* os cotidianos são des-a-linhadas para essa reunião.

Por um currículo-manguezal

com cheiro da nossa terra, dos nossos povos, das nossas culturas

onde uma vida bonita pode acontecer.

convido-lhes a desterritorializar-se *com* as escolas em um movimento “dois pra lá, dois pra cá”

em um ritmo de boi bumbá.

Por um outro modo de curricular

vamos trançando rimas e inventando outras poéticas *com* a terra

para poder afirmar que uma outra vida pode ser possível *com* os cotidianos das escolas

...

Por currículos-poesias!

## Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... *Revista Educação&Realidade*: Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 25 fev. 2023.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 3.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023

LAWRENCE, David Herbert. *Caos em poesia*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2016.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*, 2020. Disponível em [https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS\\_20-achille-mbembe.pdf](https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf) Acesso em: 12 mar. 2021.